

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS

SILVIA AVALO

TRÊS FIGURAS FEMININAS EM DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM

AQUIDAUANA, MS

2017

SILVIA AVALO

TRÊS FIGURAS FEMININAS EM DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência do Curso de Letras em Licenciatura em Letras / Literatura, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.^a Dr. Natália Fontes.

AQUIDAUANA, MS

2017

SILVIA AVALO

TRÊS FIGURAS FEMININAS EM DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência do Curso de Letras em Licenciatura em Letras / Literatura, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.^a Dr. Natália Fontes.

Resultado: _____
Aquidauana, MS, ____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora/Presidente: Prof.^a Dra. Natália Fontes de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto

Membro: Prof.^a Me. Isabel Cristina Ratund
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Membro: Prof.^o Esp. Bruno Roberto Nantes de Araújo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, pois sem ele não teria forças para essa longa jornada.

A minha professora orientadora Dra. Natália Fontes que teve paciência e que me ajudou a concluir este trabalho, que apesar da distância foi uma pessoa prestativa e muito responsável, e que o seu incentivo foi muito importante na conclusão do meu TCC.

Quero agradecer a todos os professores do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão, pela amizade e dizer que todos (sem exceções) foram muito importantes na minha vida acadêmica. Posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a presença de todos vocês.

Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas, em especial a duas amigas, a minha companheira de longas batalhas, Letícia, que esteve comigo em todos os momentos dessa vida acadêmica, obrigada amiga por tudo e podemos agora comemorar juntas essa vitória. Bom, a outra amiga que pediu para não agradecê-la, mas como obedecer? Nem pensar, porque sempre vou agradecê-la, pela força, pelo apoio e principalmente pelo exemplo de acadêmica que ela sempre foi, sem a sua ajuda eu nunca conseguiria, obrigada menina guerreira.

Por fim, quero agradecer a minha família, minha mãe dona Paula, meu pai senhor Francisco, e meus filhos, Ana Paula e Everton que do jeitinho deles, estavam sempre torcendo pela minha vitória. Também meu ex-marido João Maidana, que durante o meu curso foi uma pessoa muito especial na minha vida, me apoiando nos momentos de dificuldades.

RESUMO

Sabe-se que a figura da mulher na literatura brasileira do século XXI ganha um novo espaço, em que as mulheres através dos autores recebem diversas interpretações e representações sobre seu papel na sociedade. O estudo da Literatura permite uma leitura crítica dos acontecimentos da nossa sociedade, por isso o seu valor na formação do leitor. Assim, o corpus da pesquisa teve por finalidade analisar a literatura em relação à sociedade, à cultura e, também, à condição humana, uma vez que a literatura contemporânea constrói um discurso polifônico, ou seja, a composição de várias vozes, em um mesmo local. Dessa forma, surgiram diversas obras que dão destaque à figura feminina em seu contexto, e dentre elas, optamos por analisar mais profundamente as personagens femininas destacadas no romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Vamos nos ater nas personagens Zana, Rânia e Domingas, primeiramente, fazendo o levantamento acerca da presença feminina nas obras literárias do autor, com base em raízes teóricas da literatura moderna, com apontamentos de Wendel dos Santos Lima e Carla Roseane da Silva Tavares e alguns comentários de Aínda Kuri Souza e de Monica Maria dos Santos, entre outros.

Palavras-chave: Figuras Femininas; Milton Hatoum; Dois Irmãos.

ABSTRACT

The representation of women characters in Brazilian Literature of the 21st century gains a new space as women are represented in different ways and in the most diverse social roles. The study of literature allows us to have critical reading of our society, being a valuable aspect to the formation of the reader. In Milton Hatoum's novel *Dois Irmãos*, women characters are represented beyond stereotypes, as their behavior and attitudes are problematized. Analyzing *Dois Irmãos*, this study focuses on the characters Zana, Rania and Domingas in question to understand how women characters occupy social spaces and roles in the novel. First, consideration is given to the presence of women's characters in Milton Hatoum's novels. The research is based on the theoretical roots of contemporary literature, with special focus given to Wendel dos Santos Lima, Carla Roseane da Silva Tavares, Still Kuri Souza and Monica Maria dos Santos. In a second moment, a literary analysis of the women characters, Zana, Rania, and Domingas in the novel, *Dois Irmãos* is conducted to understand how women characters are represented in the work and how they transit within and beyond their social roles. The literary discussions of the novel are made in relation to society, culture, and the human condition, illustrating that contemporary literature constructs a polyphonic discourse, that is, the composition of several voices, parting from the same space.

Keywords: Women characters; Milton Hatoum; *Dois Irmãos*.

SUMÁRIO

1. INTODUÇÃO.....	08
2. BREVE SÍNTESE DA OBRA <i>DOIS IRMÃOS</i>	11
3. A FIGURA FEMININA NAS OBRAS DE MILTON HATOUM.....	15
4. TRÊS FIGURAS FEMININAS EM DOIS IRMÃOS	19
<i>4.1 Domingas: um coletivo marginalizado.....</i>	<i>25</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Lima e Tavares (2011) o movimento Modernista no país originou-se de uma série de transformações históricas políticas, sociais e culturais no Brasil e no mundo, que remontam ao fim do século XIX e início do século XX. Trata-se de um momento de ruptura com a tradição literária vigente.

As autoras ponderam que devemos considerar que escrever sobre a mulher não significa apenas registrar a história delas ou o seu silenciamento, mas a representação feita delas na e para a literatura, que também é uma forma de registro.

Segundo afirmam Lima e Tavares (2011) os conceitos sobre gênero e crítica feminista que tiveram origem a partir do movimento feminista nos anos 60 e 70 do século XX, apontam o papel e a representação da mulher, contrastando com o seu par distintivo.

No que se referem ao gênero, as autoras comentam que é importante destacar sua distinção de sexo, enquanto que o último refere-se a características estritamente biológicas. Já o primeiro é a expansão do último e diz respeito a uma construção histórico-social que distingue o papel e a conduta do homem em contraste com o da mulher, isto é, um construto cultural.

Para Lima e Tavares (2011) o gênero trata-se de uma marca culturalmente constituída na oposição entre homens e mulheres, baseada no preestabelecido para o macho e para a fêmea.

Tavares (2007, p. 44/45) explica que o registro da figura feminina geralmente surge:

[...] atravessado pelo discurso e atuação da figura masculina, não como o reflexo de uma natural interação subjetiva, mas como o produto de uma arraigada discriminação de sexo-gênero, na qual o espaço social ocupado por ela é ideologicamente reduzido em contraste com o do macho.

A literatura moderna, conforme apontamentos de Lima e Tavares (2011), enquanto reflexo da história, também representou a mulher sempre submissa, subordinada ao homem, assim, como na história escrita. Ela fica sempre caracterizada pela visão, desejos e interesses dos grupos dominantes e locais de privilégio antes destinados ao homem.

Burke (1992) *apud* Lima e Tavares (2011), afirma que na modernidade a chamada História Nova busca o registro histórico visto de baixo, sob o ponto de vista das classes dominadas.

Nessa perspectiva, Perrot (2005) apud, aponta que mesmo nos registros organizados por mulheres, elas apareciam despreocupadas em registrar seus segredos, sua contribuição, e por esse motivo, o homem ao mesmo tempo fazia e registrava a história.

Sobre tal fato, Lima e Tavares (2011) salientam que ao escolher os fatos e o modo de registrá-los, o historiador expressa, mesmo que de forma inconsciente, sua ideologia, pois ele extrai deles aquilo que ele ou sua classe ou gênero deseja ouvir.

Ainda sobre esse assunto, Santos (2013) argumenta que a concepção de sociedade está relacionada à determinação de poder, claramente definido pelos lugares de fala e pela escolha do discurso. Destaca que socialmente a escolha de determinado discurso aponta quem detém o poder.

Discutindo mais especificamente a presença da mulher na sociedade e na literatura, Santos (2013) salienta que até bem pouco tempo ela teve sua história contada por homens e isso fortaleceu a sobreposição do gênero masculino ao feminino.

Ao demonstrarem as mulheres, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos e as tornaram invisíveis. Assim, o masculino sempre aparecia como sendo superior ao feminino, conforme afirma Strey (2004) apud pela autora supracitada.

De acordo com Santos (2013) por não ter sido agente de sua história, a mulher “permitiu” aos autores, ao longo do tempo, diversas interpretações e representações sobre seu papel na sociedade. Assim, conforme afirmações da autora, as mulheres foram condenadas pelo pecado de Eva e relegadas ao papel exclusivo de procriadoras, tendo o lugar como único espaço digno de sua existência. Ficaram condenadas ao papel maternal e doméstico por um longo período da história, inclusive na literatura.

Nesse sentido, Strey (2004, p. 16) citado por Santos (2013) destaca que “A natureza – menstruação, gravidez, parto, etc., - destinava as mulheres ao silêncio e à obscuridade, impossibilitando-as de outras formas de criação”.

A autora comenta que a representação da mulher na sociedade, acompanha as mudanças familiares da matrifocalidade¹ para a atual família conjugal e é registrada em alguns momentos da literatura. Cita-se o exemplo da personagem Capitu, em *Dom Casmurro* de Machado de Assis, que revoluciona o comportamento da sociedade burguesa da época e que ainda hoje é lida e interpretada como figura representativa da mulher da segunda metade do século XIX.

¹ Certos tipos de organização familiar caracterizados pela valorização explícita e elaborada do papel materno, em que as relações entre mães e filhos são mais enfatizadas do que as relações entre marido e mulher e em que a mãe tem o controle sobre os recursos econômicos e os processos de decisão.

Souza (2015) defende que a literatura vem sendo, de uma forma ou outra, o espelho em que a sociedade se reflete, podendo tomar consciência de sua própria imagem, além de agregar o conhecimento espacial e histórico ligados à criticidade e às experiências de vida.

Segundo Souza (2005) é possível observar que no decorrer das diversas épocas históricas e literárias, a mulher segue a linha do tempo, mas não de maneira uniforme. Ela vai evoluindo social, intelectual e moralmente em relação ao homem.

Assim, a mulher passou de submissa a deusa, e a ser vista como um ser capaz de sofrer, de liderar sua casa, uma empresa e capaz de dar a volta por cima. A autora aponta que a evolução da mulher representada por personagens femininas, é um dos grandes temas focalizados pela literatura brasileira, principalmente nas últimas décadas, a partir da ótica masculina, como, por exemplo, a personagem Rânia, que será analisada neste trabalho, da obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum: “Forçada como uma anta e paciente como o pai” (p. 98), conforme descreve Nael sobre a personalidade da comerciante no processo de transição da loja de Halim para sua filha. Essa definição supera a imagem de mulher enquanto sexo frágil, incapaz de escolher o seu destino.

A mesma autora argumenta que nessa época, a maioria das mulheres eram submissas e só saíam de casa acompanhada do marido. A esposa do senhor do engenho era totalmente submissa ao marido e vivia apenas para gerar filhos, fazer doces, costurar e bordar, não possuindo acesso aos estudos. Além disso, sua vida social limitava-se a ir à igreja e conversar com as escravas. No entanto, a autora argumenta ainda que nem todas as mulheres se conformaram com essa situação, as que buscavam liberdade para si, geralmente se destacavam e muitas foram oprimidas.

Segundo comentários de Souza (2005) a mulher tem evoluído ao decorrer do tempo e na literatura, pois não tinha direito ao voto e era vista como musa, no entanto, a partir da Constituição de 1934, passou a votar e tomar a liderança em eventos importantes a partir da Semana da Arte Moderna por exemplo.

E o foco principal deste estudo refere-se à análise das mulheres da obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, em que as personagens femininas são de grande relevância na obra, não somente no aspecto quantitativo, mas também por se tratarem de identidades que se movem em todo o percurso da narrativa. Além disso, as personagens estão presentes em todos os momentos de tensão da obra, sempre ligadas à matriarca da família, como veremos nos capítulos posteriores deste trabalho.

2. BREVE SÍNTESE DA OBRA *DOIS IRMÃOS*

*Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia
ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com
seu passado.*
(HATOUM, 2000, p. 197.)

É com certa objetividade que o narrador inicia a construção espacial em *Dois Irmãos*, com a descrição da Manaus que Yaqub (um dos irmãos) encontra ao chegar do Líbano. Relatando fatos, lembrando o passado, contando os segredos homiziados na memória, revelando os comportamentos, reconstruindo os fatos pelos cheiros, lugares, o tempo e outros modos de recuperação da memória embranquecida pela passagem do tempo, este romance, na verdade é a memória de Halim (o pai), que tem em Nael, seu neto rejeitado, a busca que se reconstrói nas falas deste narrador.

Dois Irmãos (2000) representa a relação entre a Amazônia brasileira e o Líbano, entrelaçando pessoas de culturas, procedências e de desfechos diversos e criando a tensão do romance. O cenário é a Manaus do início do século, onde a cidade e o rio Negro transformam-se em símbolos das ruínas e da passagem do tempo. A obra tematiza os conflitos familiares que se desdobram na vivência desta cidade que se cria pela internacionalização das origens pessoais.

Dois Irmãos narra a vida de Halim, um libanês, aprendiz de mascate, que se apaixona pela filha de outro libanês, o viúvo Galib, dono de um restaurante perto do porto. Zana, que também se apaixona pelo moço, logo convence o pai com a ajuda dos amigos que o quer para seu esposo. A obra é cíclica, mas dá ao leitor uma noção de temporalidade cronológica, que se perde em alguns momentos e faz com que o leitor (re) leia, para não perder o fio da história.

Da união de Zana e Halim, nascem os gêmeos Omar e Yaqub (caçula, por ter saído por último da barriga) e Rânia, a caçula de fato. Quem delinea a história dessas vidas é Nael, o filho de Domingas, a empregada-índia, órfã e ex-interna de um colégio de freiras. Nael foi criado na casa, no quarto dos fundos com a mãe, e, como agregado e confidente de Halim. Ele sabia de muitos dos segredos da família. Observava tudo e todos, juntando as coisas aqui e ali e (re) fazendo a história na busca de descobrir qual dos gêmeos era seu pai, depois de saber que um deles havia engravidado sua mãe num ato de violência sexual.

A história tematiza a rivalidade, a revolta da preferência materna, o ciúme, o incesto e outros desvios de personalidade que desajustam a vida dessa família de imigrantes libaneses residentes em Manaus, capital do Amazonas.

Halim, que não queria ter filhos para desfrutar sozinho do amor de Zana, fica triste com a notícia da gravidez da esposa. Para ele, os filhos iriam tomar seu lugar no coração dela. O que, mais tarde, foi comprovado com o nascimento dos gêmeos. De temperamentos completamente diferentes, os gêmeos em nada se pareciam na personalidade, mas eram idênticos fisicamente, por vezes confundindo até a própria mãe. A rivalidade entre os gêmeos vai se acentuando à medida que vão crescendo. E chega ao ápice quando se apaixonam pela mesma moça, Lívia, ao ponto de Omar agredir Yaqub com uma garrafa e cortar-lhe o rosto numa sessão de cinema improvisado quando este beijava Lívia.

Os gêmeos já contabilizavam treze anos quando ocorreu o fato de violência declarada entre eles e Halim decide mandar os dois para o Líbano. Com essa decisão ia resolver dois problemas: o de tê-los brigando e o de ter perdido a esposa para os filhos. Porém, Zana impede a partida de Omar, alegando que sua saúde é muito frágil; mas Yaqub vai para o Líbano com alguns amigos de Halim, um ano antes da Segunda Guerra Mundial. A descoberta, agora sem sombra de dúvidas, de que a mãe preferia o irmão fez Yaqub ainda mais introspectivo. Passa cinco anos longe da família, vivendo privações numa aldeia no sul do Líbano, até que a família o traz de volta. Yaqub não consegue perdoar a mãe e nem conviver com a superproteção que ela tem para com o irmão, como podemos constatar neste trecho: “Não morei no Líbano, seu Talib [...] Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...” (HATOUM, 2000, p. 88-89.)

A cicatriz no rosto do rejeitado ainda queima como quando da época da agressão, enquanto, Omar vive uma vida desregrada, bebendo até as madrugadas, fato sempre escondido do pai por Zana e Domingas (a empregada da casa e mãe de Nael), que o acolhiam e não deixavam que o pai visse o estado deplorável que o filho chegava em casa depois de alguma noitada nos bares de Manaus.

Houve duas ocasiões em que Omar se interessou seriamente por uma mulher, a Mulher Prateada e a Pau-Mulato, mas Zana decidiu que nenhuma das duas estava à altura do seu filho amado e tratou de tirar as rivais do páreo, alimentando cada vez mais a dependência emocional do caçula: “Dessa vez ela não quis disfarçar: encarou com um sorriso dócil e um olhar de desprezo a mulher que jamais seria a esposa de seu filho, a rival derrotada de antemão.” (HATOUM, 2000, p.99.)

Omar não estuda, não trabalha, não dá andamento e nem finaliza nenhum projeto. Longe dos cuidados e controle dos pais, mentiu quando foi para São Paulo dizendo que ia estudar:

Halim não sabia de nada. Ele e Zana, iludidos, pensavam que o Caçula havia frequentado um dos melhores colégios de São Paulo e que durante todo o semestre letivo o Peludinho queimara as pestanas, aplicado, debruçado sobre uma escrivaninha coberta de livros. (HATOUM, 2000, p. 89.)

Em contraponto, o irmão é estudioso, aplicado desde os tempos do colégio, forma-se engenheiro, vai para São Paulo e manda buscar Lívia, com quem se casa sem o conhecimento da família. E, para demonstrar o quanto havia prosperado, manda fotos de sua casa e da esposa para a família:

Só depois soubemos que Yaqub havia prosperado, aspirando, talvez, a um lugar no vértice. Ele mandara o endereço, e o novo bairro paulistano onde morava dizia muito. O bairro e o apartamento, porque agora as fotografias enviadas por Yaqub revelavam interiores tão imponentes que os corpos diminuíam, tendiam a desaparecer. (HATOUM, 2000, p. 95.)

A irmã, Rânia, percebia nas fotos que o irmão queria mostrar que havia conseguido “vencer na vida” e que era isso que mostrava nas fotos: “Querem mostrar a decoração e se esquecem de mostrar o rosto...” (Idem, p. 95.). Enquanto Omar nunca conseguiu ter nada por esforço próprio; pelo contrário, roubava dos pais, sempre pedindo dinheiro, dizendo que era para pagar o colégio e os livros, para na verdade gastar com farras.

Mesmo sabendo que o filho caçula fazia toda sorte de coisas erradas, inclusive roubar o irmão, enganar os pais pedindo dinheiro e dizendo que estava estudando, Zana o defendia e venerava com todas as fibras de seu ser: “Punha os gêmeos numa gangorra e fazia loas ao caçula, elogiando-o até a cegueira. Mas Zana não era cega. Via muito, por todos os ângulos, de perto, de longe, de frente e de viés, por cima e por baixo, e sua visão continha uma sabedoria.” (Ibidem, p. 95.)

Nas visitas que Yaqub fez à família, percebeu, por meio das paredes mal pintadas, do telhado quebrado e dos móveis antigos e sem conservação que a situação financeira da família não estava das melhores e decidiu ajudar enviando madeiras e dinheiro para a reforma e pintura da casa e da loja.

A irmã, Rânia, assume os negócios da família e toma a decisão de não mais se casar, depois que a mãe rejeita um pretendente seu. E Halim tem ciúmes de Omar em função de

Zana ser cega de amor pelo filho e o excesso de zelo que tem para com este. Pedia aos céus que uma daquelas mulheres o levasse embora dali, mas Zana era mais forte que todas elas, não deixando que nenhuma se aproximasse do filho amado.

De vez em quando Halim saía para dar umas voltas e sumia por várias horas, cabendo a Nael, a pedido de Zana, ir atrás para trazê-lo de volta para casa. Segundo as palavras do próprio Nael, Halim um dia escapou dando uma desculpa de que Rânia precisava de sua ajuda: “Vou passar na loja, a Rânia precisa de mim” (HATOUM, 2000, p. 158). E saía sem rumo para beber na casa de amigos, nos bares ou em algum flutuante no meio do rio: “Numa tarde que ele escapara logo depois da sesta eu o encontrei na beira do rio Negro. Estava ao lado do compadre Pocu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascates.” (HATOUM, 2000, p. 158-159)

Morre Halim que, apesar de não parecer, era o esteio de Zana, desgostoso com a esposa por seu distanciamento, desde que os filhos nasceram, e com Omar, filho ingrato que só deu dissabores e afastou-o de seu grande amor e: “Depois da morte de Halim, a casa começou a desmoronar”. (HATOUM, 2000, p. 163.)

Domingas e o filho Nael, narrador da história, não tiveram escolhas na vida, vivendo no quartinho dos fundos da casa dos patrões e avós do garoto (filho de uma violência sexual que Omar praticou contra Domingas).

Yaqub volta a Manaus para realizar um projeto antigo seu de construir um hotel naquela cidade; Omar o acusa de roubo de seu projeto, agride fisicamente o irmão e acaba preso. Quando sai da prisão, a sua casa tinha sido vendida, a sua mãe já estava morta e ele, velho, desaparece sem deixar rastros; Nael descobre que Omar é seu pai e fica desconsolado por ser o gêmeo que ele não admirava; fica morando no mesmo quartinho dos fundos, agora independente da casa, legado de Yaqub; desiste de Rânia, a tia com quem viveu uma única noite de amor e passa a trabalhar no colégio em que estudou; Rânia vai morar sozinha, ainda levando a cabo a promessa que fizera de não mais se casar.

3. A FIGURA FEMININA NAS OBRAS DE MILTON HATOUM

Segundo Silva (2011), geralmente, as personagens femininas nas obras de Milton Hatoum estão inseridas em uma sociedade patriarcal em decadência, onde a mulher é caracterizada por ser o sexo frágil, que necessitava da proteção paterna, quando solteira, e do marido, quando casada.

As mulheres nessas obras, conforme afirmações de Silva (2011) constituem-se as personagens centrais de seus romances e se tratam de mulheres bonitas, sensuais, esposas apaixonadas, mães zelosas, matriarcas que dirigem e decidem os rumos das questões familiares.

E em *Dois Irmãos* uma das mulheres é misteriosa e forte que se dirige com indicador de Halim, uma paixão: Zana. Há diversas passagens no romance que indica o quanto essa paixão se traduzia sensualmente. Halim se vangloria desse passado. Orgulha-se dele, regozija-se em rememoração, em narrar os momentos de amor consumados não só em quatro paredes.

Além disso, essas personagens femininas, como a Zana, exercem o papel de guardiãs da memória familiar de uma terra de origem, na medida em que relata histórias de sua terra natal, o Líbano. Destacamos as personagens do romance *Dois Irmãos*: Zana, Rânia e Domingas.

Silva (2001) salienta que com a desestabilização familiar, as personagens de Milton Hatoum passam a atuar fora do ambiente doméstico, por obrigação, em um lugar que até então era destinado aos homens. Era a solução por Zana encontrada com as mortes dos pais, pois alguém precisava administrar os negócios da família e manter o sustento dela.

Quanto à empregada, a personagem Domingas, era oriunda de um convento de Manaus e foi adotada pela matriarca, muito jovem e tornou-se de certa maneira, imigrante de alguma aldeia indígena. Essas personagens não conseguiram romper com o passado e a cultura da qual eram descendentes. Não se anularam culturalmente e nunca abandonaram o sonho íntimo de liberdade.

Nos romances de Hatoum, segundo a mesma autora, as mulheres serviçais possuem certas semelhanças entre si, pois todas são dedicadas aos patrões, ajudam na criação dos filhos deles e são submissas e servis. Também têm uma mesma falta de perspectiva de vida.

Já as mães e filhas retratadas nos romances são pertencentes à classe alta da sociedade manauara, por intermédio de posses da família ou por meio do casamento com homens ricos, bem sucedidos e influentes na região, sendo eles: comerciantes, donos de embarcações, imóveis e propriedades em Manaus e arredores.

As mulheres descritas por Hatoum, ainda segundo Silva (2011) são protagonistas mães, que residem em belos casarões em área nobre da cidade de Manaus. E pode-se dizer que vivem a margem dos maridos, cercadas por uma redoma que as protege de tudo pelo casamento e pelo lar de uma sociedade tradicional.

No entanto, todas essas vantagens não são suficientes para promover a paz e a harmonia em seus lares, pois os casarões se tornam locais de conflitos e revoltas familiares, gerando ódio entre membros familiares, por motivos diversos, como, por exemplo, a incompatibilidade religiosa, indisciplina, frustração, vingança, disputa amorosa, além de disputa por poder e espaço.

Assim, a autora destaca:

São justamente estes aspectos contraditórios e conflituosos presentes nas obras que representam a riqueza a ser explorada no tocante à construção e representação de gênero em Hatoum, uma vez que esta categoria é relacional, como afirma Joan Scott, no texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1990). Assim, é a partir desses embates que se pode compreender como homens e mulheres se vêem e se representam no decorrer da narrativa. (SILVA, 2011, p. 38)

Nas obras *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), a presença da mulher libanesa é destacada como conservadora e propagadora de uma ideologia patriarcal que se constituiu por meio de um discurso normativo, segundo ponderações da autora. As matriarcas das famílias são exemplos claros dessas características constituídas historicamente.

Essas mulheres são guardiãs dos segredos da família, governam a casa, cuidam do marido e filhos. Mais que isso, guardam as memórias relacionadas à identidade cultural libanesa.

É notório que as personagens femininas de Milton Hatoum, quando Zana, a personagem mãe, têm predileção pelos filhos homens em detrimento da filha. Tal atitude é responsável por atribuir ao homem a centralidade como detentor do poder e da atenção feminina. Além disso, essa atitude materna é seguida pela filha e pela empregada, mulheres que se desdobram em cuidados ao marido, filhos, irmãos e patrões.

No caso da obra *Dois Irmãos*, o personagem narrador Nael, chega mesmo a reclamar da atenção e dos cuidados excessivos dedicados a Omar, por parte de todas as mulheres do casarão.

Com isso, fica evidente a centralidade masculina no ambiente familiar, conforme afirmações de Silva (2011), uma vez que as mulheres se curvam diante de Omar, se conformam e se escravizam por ele.

A autora argumenta que as personagens femininas de Hatoum desempenham um papel fundamental nas narrativas porque representam vertentes da posição que se espera que a mulher ocupe dentro dos padrões comportamentais a ela destinados em uma sociedade de cultura bastante tradicional. Essas mulheres vivem em um lar, apegadas à rotina do ambiente doméstico. São religiosas, bem educadas, prendadas, sabem servir, organizar reuniões familiares e receber convidados. Foram preparadas pelas mães para desempenhar esse papel com excelência.

Dessa forma, Silva (2011) enfatiza que as mulheres hatounianas são capazes de influenciar e dominar a cultura familiar. Têm uma verdadeira obsessão pelas tradições libanesas, evidenciando o papel de gênero na manutenção de valores culturais. A mesma autora pondera que:

Cabe observar que, em Hatoum, a mulher esposa, por não haver aprendido outras formas de atuação nas relações assimétricas com o homem, busca, através de tais estratégias, manter-se em posição menos desfavorável nas relações de poder entre os gêneros. Isto se dá uma vez que aos homens é atribuída a força mantenedora do domínio familiar, enquanto às mulheres, o “belo sexo”, cabe, entre outros, a sedução, que se constitui como “virtude” e arma de negociação. (SILVA, 2011, p. 51)

Já em outro romance de Hatoum, *Cinzas do Norte*, a personagem feminina, Alícia, principal representa uma oposição em relação às outras citadas anteriormente. Trata-se de uma mulher com personalidade que não se enquadra nos padrões comportamentais que se espera dela dentro de uma sociedade patriarcal. De acordo com Silva (2011, p. 55):

Através das características psicológicas desta personagem, mulher fútil, ardilosa e interesseira, que não se submete aos valores matrimoniais constituídos, percebe-se sua dificuldade e resistência em se adaptar ao papel de gênero que lhe é atribuído, o de esposa e mãe. Ao contrário de Emilie e Zana, Alícia não se ajusta a esta performance social, não se adapta nem mesmo às leis do matrimônio, que prezam pela fidelidade da esposa na manutenção da honra do marido.

Com a morte de Angelina surge a outra personagem feminina desenhada por Milton Hatoum. Trata-se de Florita que, assim como Emilie e Zana, tornou-se fiel e dedicada não só ao pai, como ao filho órfão de mãe, outra personagem idealizada também presente em *Órfãos do Eldorado* é Dinaura.

De acordo com Silva (2011) um dos pontos em comum entre as obras de Milton Hatoum refere-se ao fato de que a mulher/mãe é sempre objeto de desejo idealizado e inatingível para os filhos homens e maridos.

Em contraponto, em Rânia, em *Dois Irmãos*, não existe o dizer “corpo fraco”, feito para ser protegido. Ela resiste às investidas de dominação, inclusive ao casamento. Apesar de

suas expectativas sociais serem distintas das de Domingas (empregada e agregada), não só enquanto trabalhadora, mas, por sua origem pequena burguesa, ela acaba por ter mais condições de ser dona de si.

Para Rânia, sair do ambiente familiar para dedicar-se ao comércio, não seria nada surpreendente se não fosse pela classe social que a personagem representa. Ela não apenas assume o comércio da família quando atinge a idade adulta, como também o transforma. Deixando de ser a loja cheia de bagunça de Halim, para ser um moderno comércio de Rânia, apesar dessa reviravolta, da loja, ser fruto também da ajuda de Yaqub, que é quem auxilia Rânia na transição da gestão.

4. TRÊS FIGURAS FEMININAS EM DOIS IRMÃOS

O tema principal deste trabalho refere-se à análise das personagens femininas no conhecido romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Diante disso, procuraremos fazer neste capítulo uma abordagem crítica acerca da presença de mulheres marcantes no referido romance. É importante destacar que vamos nos ater às personagens Zana, Rânia e Domingas já mencionadas.

A primeira, Zana, é a matriarca da família libanesa que se instalou na cidade de Manaus. Trata-se de uma personagem que tinha imensa tristeza por não conseguir promover a conciliação entre seus filhos gêmeos, Yakub e Omar, apelidado carinhosamente de Caçula. Zana foi marcada pelo abandono de sua terra natal, Biblos e de sua casa, pelo filho Omar, seu preferido:

Zana, não se despegava dele (do caçula), e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. (HATOUM, 2006, p.50)

Em um dos trechos da obra o autor a descreve como possuidora de uma “teimosia silenciosa (...) uma insistência em fogo brando”. (HATOUM, 2006, p. 40). Era uma mulher com características fortes e marcantes, pois decidia tudo. Ou seja, mandava e desmandava na casa, na família.

Nesse sentido, Welter (2007, p. 11) comenta que “transitava entre a cultura árabe e a indígena; mantinha costumes, mas chega a se referir às mulheres interessadas em seus filhos como *cunhatãs*, mostrando-se inserida na cultura e termos do local em que habita”. Além do mais Zana é o cerne de toda a família e, de certa forma, decide o futuro de todos. Essa personagem é uma mulher de personalidade forte, marcante. Dona de si, teimosa e convicta.

No que se refere à vida conjugal, Zana sempre queria e pedia mais coisas do amor – como ter filhos, vivia intensamente o amor com Halim, como se pode destacar no seguinte trecho do romance:

Mas era um demônio na cama e na rede. Ele me contou cenas de amor com a maior naturalidade, a voz pastosa, pausada, a expressão libidinosa no rosto estriado, molhado de suor, molhado pela lembrança das noites, tardes e manhãs em que os dois se enrolavam na rede, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopéia de gozo e riso. (HATOUM, 2000, p. 41)

Diante disso, entende-se que a sedução também é uma característica marcante dessa personagem de Milton Hatoum, que ainda é apresentada como uma arma feminina de transformação e conquista dentro do romance *Dois Irmãos*, conforme afirmações de Silva (2011).

Ainda sob essa perspectiva, a mesma destaca que Halim (marido de Zana) compartilha com Nael (personagem narrador) “os segredos amorosos e a admiração que sentia pela bela e sensual esposa, dona de um forte apelo erótico. É através da voz de Halim, “um guloso do amor carnal”, que a imagem da esposa e amante é revelada”. (SILVA, 2011, p. 59).

Ainda conforme o personagem narrador, Halim:

[...] relatava, com desenvoltura e com uma expressão libidinosa no rosto estriado, as cenas de amor ardente entre ele e a esposa. Lembrava-se dos momentos de intimidade e prazer que desfrutavam na rede vermelha a qualquer hora do dia, o leito preferido do amor, ali onde os poderes de Zana se desmanchavam em melopéias de gozo e riso (HATOUM, 2000, p. 54).

Nael também comenta na narrativa que havia presenciado algumas dessas cenas íntimas entre o casal. É importante destacar que a personagem de Zana transita num misto de santa e sensual, despertando o desejo masculino.

É notório que ela cativava seu marido, o envolvia e o seduzia, usando para isso as artimanhas do sexo de forma a incitar o instinto masculino e negociar nas relações de poder, uma vez que é por meio do sexo, de acordo com Silva (2011) que a mulher se inscreve como figura incisiva e dominadora. Ela conseguia transitar entre os estereótipos de uma mulher angelical e uma extrema sedutora, na medida em que domina e se deixa dominar.

Analisando a personagem Zana como mãe, observa-se que era exatamente dedicada aos filhos, principalmente aos homens, não escondendo, no entanto, sua predileção por Omar. Ela segue uma linha patriarcal que privilegia o sexo masculino, o que é claramente visível no romance, por todas as atitudes da mãe em relação aos filhos. É uma atitude protetora, até mesmo de posse em relação ao filho Caçula.

Sob essa perspectiva, Silva (2001) afirma que se pode dizer até, que Zana tinha uma verdadeira devoção louca pelo filho caçula, explicado, talvez, pelo fato de ter adoecido logo após seu nascimento, pois foi um momento em que o menino necessitava de muitos cuidados. Essa situação acabou por aproximar mais ainda mãe e filho.

Silva (2011) comenta que a postura de Zana surgiu da sua necessidade de realização pessoal através da maternidade, que oferece à mulher um papel a mais e distinto do homem, construindo uma fonte de autoridade e autonomia.

No entanto, esse amor obsessivo de Zana pelo filho a afastou de seu esposo e ainda contribuiu para transformar o lar em um campo de disputa, de verdadeiras batalhas que culminou com uma briga grande entre os dois irmãos. É importante destacar que em todos esses momentos a mãe ficou ao lado do filho predileto, o Omar.

Esse amor excessivo de Zana pelo filho Caçula se estendeu por toda sua vida, até a morte. Terminou seus dias abandonada pelos gêmeos e amparada apenas pela filha Rânia que sempre estivera ao seu lado. A filha é outra personagem a ser destacada neste trabalho.

Rânia, a outra personagem feminina de destaque representa:

[...] um maior teor de discriminação, repressão e subordinação, seja através dos resquícios de um regime tradicional em declínio (o patriarcalismo), como também da emergência do novo regime “pós-patriarcal”, no qual a figura do pai e “protetor” é substituída pela do irmão ou filho. (SILVA, 2011, p. 77)

Trata-se da filha caçula que segue a linhagem da mãe no que se refere à dedicação e aos cuidados com os irmãos. Dá-nos a impressão de que abre mão de sua própria carência de afeto maternal em prol deles.

Além disso, opta por uma vida solitária e estéril. Não explorava sua delicadeza, inocência e os dotes femininos, contrariando, dessa forma, a ordem natural das coisas, assim como a tradição familiar. Manteve-se solteira, fiel ao lado da mãe até sua morte.

No que tange à sua vida amorosa, podemos dizer que é intrigante porque dá aos leitores uma suspeita de que houve um relacionamento incestuoso com os irmãos. Quando jovem Rânia teve um desentendimento com a mãe por causa de um namorado pelo qual se apaixonara, já que era contra o relacionamento: “Minha mãe implicou, se enfezou, dizia que a filha dela não ia conviver com um homem daquela laia: “Com tantos advogados e médicos interessados em ti, escolhes um pé- rapado...” (HATOUM, 2000, p. 207).

Mesmo com insistência ferrenha de Zana, a filha não se interessou por mais nenhum pretendente que lhe fora apresentado. A mãe organizava grandes festas familiares com o intuito de arranjar um namorado para a filha. Tinha a esperança que surgisse um namoro ou mesmo uma proposta de noivado.

Rânia chegava até a receber buquês de flores de rapazes nos dias seguintes às festas. Contudo, jamais se interessou por nenhum dos pretendentes. Ao contrário, costumava rasgar as cartas que recebia. As flores também amanheciam despetaladas no quintal da casa.

Silva (2011) destaca que é evidente que a mãe de Rânia tentava incutir nela a “idéia” do casamento como uma realização feminina, bem como a prevalência do estereótipo da mulher solteirona, mal amada e infeliz. (p. 85). Nesse sentido, conforme o romance:

Rânia parecia não se preocupar com o futuro, com a velhice que ainda estava longe ou então sabia esconder bem a sua aflição, assim como seus pensamentos, suas ideias e seu humor. Passou a compartilhar com a mãe a dedicação aos irmãos gêmeos, que despertavam nela uma paixão nunca vivida. Rânia se deixava seduzir pelos irmãos, arrumava-se com esmero e toda a sua beleza e sensualidade era dirigida a eles. A junção dos dois irmãos representava para ela a imagem do noivo perfeito e desejava encontrar um pretendente à altura deles: Ela nunca encontrou essa mistura. Rânia apenas se contentou em idolatrar os dois irmãos. Contentou-se em idolatrar os gêmeos, sabendo que os laços sanguíneos não anulavam o que neles havia de irreconciliável. Mesmo assim, a admiração de Rânia por ambos foi por muito tempo visceral e quase simétrica (HATOUM, 2000, p. 98).

No que se refere a esse fato, é notório a intimidade entre a personagem e seus irmãos. Isso é apontado por Nael, narrador personagem, que transitava livremente pela casa dos libaneses. Ele relatou que ficou intrigado ao ver Rânia, certa vez, sensual e sedutora se sentar no colo de Yakub e trocar carícias com o irmão. Viu também que as pernas da moça roçavam nas do irmão e que depois subiram as escadas de mãos dadas, entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer (HATOUM, 2000, p. 117).

É importante destacar que com relação ao irmão Caçula a intimidade de Rânia não era menor, pois ele lhe dizia coisas que ela gostava de ouvir. Era seduzida por Omar com suas carícias: “Um beijo nas mãos, um afago no pescoço, uma lambida no lóbulo de cada orelha. Enlaçava-a, carregava-a no colo, olhando para ela como um conquistador cheio de desejo” (HATOUM, 2000, p. 178).

Rânia não tinha ressentimentos de sua mãe por não receber carinho semelhante de seus irmãos, mesmo porque ela também fazia o mesmo, pois idolatrava Yakub por sua beleza, altivez, seu porte sério e decidido, ao mesmo tempo em que se deixava seduzir por Omar, que era o oposto do irmão gêmeo. Esses mimos todos faziam da personagem Rânia muito parecida com a mãe Zana porque dispensava todos os cuidados exagerados aos irmãos.

O que podemos dizer de mais concreto de Rânia é que se trata de uma solteira convicta e que nunca encontrou um companheiro ideal, o homem que tocasse de fato seu coração. Dessa forma, transgrediu a ideologia de que deveria dar continuidade à estrutura familiar.

Ao contrário, ao perder seu pai, Halim, e devido às mudanças econômicas na cidade, Rânia utilizou esses fatores em seu benefício e rompeu com as amarras ideológicas do regime opressor, que determinava que a mulher devesse cumprir, acima de tudo, as “obrigações

familiares”. Rompeu com as tradições patriarcais ao assumir o posto dos pais diante dos negócios da família, provendo, dessa forma, o sustento de toda a família.

Ao tomar a frente dos negócios, Rânia abdicou da vida amorosa e dos projetos pessoais. Abandonou os estudos e pediu ao pai para trabalhar com ele na loja. Ela renova e moderniza a loja, surpreendendo a todos com seu espírito de comerciante. Nesse momento de contentamento diz: “Agora esse é o meu mundo... sou dona de tudo isso” (HATOUM, 2000, p. 207).

A outra personagem a ser analisada é a agregada da família libanesa, Domingas. Trata-se de uma descendente da etnia indígena. A figura de uma mulher submissa e servil. Veio para a casa de Zana e Halim em uma época em que o casal abriu um comércio. Era batizada e alfabetizada e foi “um pequeno milagre, desses que servem para a família e as gerações vindouras”. (HATOUM, 200, p. 48)

Domingas é humilde e desprovida de recursos próprios para sua sobrevivência, além de oprimida, “cuja condição étnica atua como marca da sua alteridade e fator de discriminação a permear o convívio com o Outro”. (SILVA, 2011, p. 85).

Essa personagem vivencia a condição de subordinação e discriminação, uma vez que divide com o filho Nael um quartinho nos fundos do quintal. Aliás, Nael é o filho bastardo de Domingas. Fica claro que é filho de um dos gêmeos durante a narrativa. No entanto, esse fato é ignorado pela família, que vê o menino como um simples empregado. Em certo momento, o narrador personagem, aponta que sua mãe não teve, sequer, o direito de escolher nem mesmo o pai de seu filho, que era, supostamente, um dos gêmeos.

Domingas é proveniente de um orfanato de Manaus e foi morar com a família libanesa, a quem serviu por toda sua vida, vivendo à margem desse lar, demonstrando uma existência miserável e excluída. Não tinha perspectivas de vida fora daquela casa. Abandonou seus sonhos e desejos em nome de uma vida toda dedicada ao trabalho servil. Essa condição de vida de Domingas é apontada por Nael (seu filho e narrador personagem do romance), que destaca o sofrimento da mãe, deixando no ar a possibilidade de Domingas ter sido estuprada por Omar, o que surge em um episódio do romance: “Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalizado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão (HATOUM, 2000, p. 241).

Quando jovem, Domingas era rebelde e manifestava a vontade de retornar à sua aldeia. No entanto, com o passar do tempo, foi perdendo esse desejo, uma vez que não tinha mais forças nem coragem para romper com os laços que a mantinha com a família libanesa. Em seus poucos momentos de folga, ficava em seu quartinho esculpindo alguns pássaros em

pedaços de madeira. Era a forma que encontrou de se distrair. Além disso, essa atividade lhe dava um pouco de prazer. Era a forma que encontrou de resgatar, mesmo que por poucos instantes, a dignidade perdida, como bem demonstra Silva (2011).

A mesma autora comenta que era por meio das esculturas que Domingas fazia um registro de uma memória não silenciada, viva. Seus pássaros pareciam simbolizar o vôo de liberdade que ela nunca pode alcançar, apesar de manter esse desejo guardado em seu mais profundo íntimo.

Nael a instigava a viver sua própria vida, Domingas nunca teve coragem e ousadia para se aventurar nesse sonho. Preferiu se manter fiel e dedicada aos padrões por toda sua vida. Ainda no que se refere à liberdade, o romance destaca que Domingas era “a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama... louca para ser livre” (HATOUM, 200, p. 50).

Welter (2007) pondera que a personagem nunca teve coragem de ser livre porque era enfeitiçada pela família e pelos gêmeos. Sobre esse fato a autora destaca: “A relação com Yakub foi mais forte, um amor maternal, se preocupava com ele, mas sofria com os desamparos de Omar” (WELTER, 2007, p. 16)

No final do romance a personagem Domingas acaba sendo enterrada no jazigo da família a quem serviu por toda sua vida por vontade de seu filho. “[...] minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui”. (HATOUM, 200, p. 184).

Enfim, vimos que a figura feminina na narrativa é muito forte e denota a dependência dos homens para com as mulheres, estas com características muito marcantes. Zana é a figura da matriarca em que se concentra toda a família. Essa figura materna também se apresenta em Rânia, dotada de um tino comercial, que na época era atributo masculino, sendo também a solteirona. Já Domingas, mesmo estando presa a família por laços afetivos, é “deflagradora” da narrativa em certo sentido, ou seja, é a mãe do narrador personagem a quem nega a identidade paterna.

A presença da figura feminina na obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum transita por categorias e universos distintos, seja como esposa, mãe, filha, empregada ou agregada. O que se pode afirmar é que são personagens riquíssimas e que “roubam” a atenção dos personagens principais da trama.

4.1 Domingas: um coletivo marginalizado

Domingas é apresentada ao leitor como a empregada da casa, em Manaus, onde moram Halim, o patriarca; Zana, a matriarca; Rânia, filha do casal, e os gêmeos univitelinos Yaqub e Omar, centro da trama conflituosa. Aos poucos o leitor tem acesso à história de sua vida, quando sua origem indígena é explicitada. A relação de proximidade e intimidade da empregada com eles é evidente, referente ao retorno de Yaqub, o gêmeo primogênito, após passar cinco anos no Líbano, afastado da família. Sua reação ao adentrar a casa, após tantos anos, é assim narrada:

“Onde está Domingas?”, e [Rânia] viu o irmão caminhar até o quintal e abraçar a mulher que o esperava. Entraram no quartinho onde Domingas e Yaqub haviam brincado. Ele observou os desenhos de sua infância colados na parede: as casas, os edifícios e as pontes coloridas, e viu o lápis de sua primeira caligrafia e o caderno amarelado que Domingas guardara e agora lhe entregava como se ela fosse sua mãe e não a empregada. (HATOUM, 2006, p.17)

A relação entre o garoto e a empregada é notadamente íntima, a ponto de Domingas ocupar, inicialmente, o lugar de ama, para não dizer mãe, de Yaqub. Os dois têm um nível de afeto e carinho recíproco nem sempre existente entre patrões e empregados. Quando Yaqub se torna um homem, Domingas chega mesmo a viver um pequeno caso amoroso com ele.

A própria Zana, mãe dos gêmeos, mostrava-se também bastante próxima da empregada em determinados momentos, como durante as rezas:

As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus. Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. O que a religião é capaz de fazer, ele disse. Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa. (HATOUM, 2006, p.48)

Os trechos acima demonstram a existência de uma relação amistosa entre a empregada e patroa; um carinho semelhante ao de uma mãe e filho- entre ela e o gêmeo primogênito; além do respeito normalmente existente entre pai e filha, que pode ser reconhecido na relação com Halim.

Um leitor observador perceberá também o local onde mora Domingas: um quarto no terreno da casa da família, tendo contato constante com todos os membros desta. Ou seja,

Domingas não dormia dentro de casa, mas morava no mesmo terreno, com a família; comia da mesma comida e relacionava-se com eles de maneira relativamente próxima.

Tais fatos aliados à chegada da empregada na residência quando menina, em outras palavras, aliados à vivência de parte do crescimento de Domingas na casa com Halim e Zana, tendo teto e alimento em troca de trabalho – cuidava da casa, da comida, dos filhos da patroa e do que mais fosse necessário – torna possível a leitura de sua personagem como uma agregada da casa.

A natureza da relação entre agregados e provedores é justamente a relação de troca e, no presente caso, percebe-se nitidamente esta: teto e alimento em troca de trabalho, pois apesar de Domingas ser referida como empregada, não há menção ao recebimento de salário, dias de descanso ou férias. Porém, olhando mais atentamente para a relação de troca, esta começa a parecer um pouco injusta, colocando em dúvida o lugar de Domingas, pois além de a mesma não ter salário, pode-se considerar sua liberdade como uma falsa autonomia, já que sem condições financeiras para abandonar a casa é obrigada a viver conforme as regras impostas.

Tais fatos aliados a uma série de outros indícios dados ao longo da narrativa permitem ler as condições de vida da empregada como análogas às da escravidão. Outros fatores contribuem para esta interpretação, como a ausência de férias e de qualquer dia de folga semanalmente, levando-a a suplicar por liberdade, cansada de viver apenas para a casa e para a família, mostrando-se sufocada:

Domingas, a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para ser livre", como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. "Louca para ser livre." Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu [Nael] lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na 18 morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. (HATOUM, 2006, p.50)

Depreende-se do trecho acima não só o esgotamento físico da empregada, mas principalmente o psicológico. Sem descanso, Domingas não podia se dedicar à própria vida ou à do filho, tampouco conseguia exercer seu direito de escolha sobre si mesma. Este fato

pode ser percebido no início da narrativa quando é revelado o passado de Domingas e, nas entrelinhas, o modo como chegara à casa de Halim e Zana:

Entraram na sala, onde havia mesinhas e cadeiras de madeira empilhadas num canto. "Tudo isso pertencia ao restaurante do meu pai", disse a mulher, "mas agora a senhora pode levar para o orfanato." Irmã Damasceno agradeceu. Parecia esperar mais alguma coisa. Olhou para Domingas e disse: "Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha". Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa. (HATOUM, 2006, p.57)

Como se pode perceber a freira entrega Domingas, uma criança, em troca de objetos e de um envelope cujo conteúdo não é revelado, mas que fica subtendido. É como se a empregada tivesse sido comprada, levando o leitor imediatamente a associar a situação à coisificação do ser humano, como mostra Daniela Birman:

Tendo aceitado a “oferta”, a mais nova “patroa” não esqueceu de fazer uma espécie de doação às freiras. E embora a relação de troca da índia pela quantia em dinheiro não seja explícita - ainda mais se considerarmos a religiosidade de Zana, que, desse modo, poderia ter o hábito de contribuir com as obras das religiosas – é possível ler no romance a existência de tal vínculo que configuraria de modo claro a condição escrava de Domingas, transformada em objeto de compra. (BIRMAN, 2008, p.33)

A compra de um ser humano como ocorria na época da escravidão aparece aqui aparentemente disfarçada em doação para a igreja e para o orfanato, pois a troca pode facilmente ser lida como uma troca comercial, evidenciando a proximidade da situação de Domingas àquela vivida por escravos.

Esta questão do tratamento de Domingas como objeto é reafirmada na fala exasperada de Yaqub quando, em um momento de explosão nervosa, ele questiona o limite da necessidade de mimar o irmão, Omar, dizendo para vender tudo para pagar seus caprichos e, se for preciso, vender até Domingas: “Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!” (HATOUM, 2006, p.93).

A fala dele merece crédito, pois normalmente as verdades fluem em momentos de raiva, quando o filtro exercido pela razão se rompe. Ainda em relação à semelhança com a escravidão pode-se citar a violência física sofrida por Domingas, quando esta é estuprada por Omar, ou seja, não tem sua vontade e dignidade respeitadas, sendo não só fisicamente, mas também psicologicamente violentada.

Apesar de ser tratada como objeto nestes e outros momentos Domingas não denuncia a atitude do Caçula, não se nega a atender aos caprichos de Zana, não reivindica direitos como

salário e férias e também não abandona a casa. Ela suporta, se submete e se deixa humilhar. Este comportamento é justificado pela dependência de Domingas, que, sendo retirada de sua tribo ainda criança, não tem para onde ir ou para quem pedir socorro, sendo obrigada a permanecer na casa para manter o sustento não apenas seu, mas principalmente de seu filho, oscilando entre as posições percorridas até o momento, sendo meio escrava, meio ama e como sugerimos meio agregada.

A alusão direta à escravidão ocorre também em *Relato de certo um Oriente*, primeiro romance do autor, no qual há uma empregada em condições similares às de Domingas: Anastácia Socorro.

Neste livro, Donner, amigo da família central da narrativa, descreve a posição das empregadas, estabelecendo relações de semelhança com a escravidão: “Aqui reina uma forma estranha de escravidão. A humilhação e a ameaça são o açoite; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e as golilhas.” (HATOUM, 1989, p. 88).

Enquanto dependente, Domingas retrataria, então, não só o grupo dos indígenas, mas a coletividade de diversos grupos à margem da sociedade, que tem sua cultura tolhida e pouca aceitação social, estendendo sua figura também aos negros, aos mestiços, aos filhos bastardos e aos escravos libertos, que sofrem grande exclusão social e, como ela, tornam-se frequentemente agregados de outras famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi de analisar a maneira como as figuras femininas são apresentadas na obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, objetivando apontar as diferenças e semelhanças entre as personagens.

Conforme apresentamos na introdução deste trabalho o “percurso” de escrever sobre a mulher, o modo como ela é representada na literatura e como era de fato na sociedade, foi relacionada com a determinação de poder – a voz masculina. Portanto, as mulheres ora tidas como deusas (musas inspiradoras), e ao mesmo tempo, como submissas e subordinadas ao patriarcalismo, foram assim representadas na Literatura.

Dessa maneira, destacamos as três personagens femininas da obra: Zana, Rânia e Domingas. Personagens de personalidades diferentes, mas que estão inseridas no mesmo conflito familiar. Zana é a matriarca da família, sedutora, quem determina o futuro de todos e quem atribui devoção ao filho Caçula, e quem no final acaba amparada pela filha Rânia (e abandonada pelos gêmeos). Assim como a mãe, Rânia possui uma admiração pelos gêmeos e escolhe viver solteira – mesmo com as tentativas da mãe, no entanto, se diferencia enquanto comerciante, aquela que toma frente aos negócios da família – cria o seu mundo. E a terceira, Domingas, a empregada, meio agregada, um pouco escrava, de origem indígena que foi enfeitada pela família e que gerou um filho cuja identidade paterna foi negada, do fruto de uma violência de um dos gêmeos.

Notamos, portanto, que em *Dois Irmãos* as figuras femininas no mesmo ponto que se assemelham na dedicação familiar: sendo matriarca, irmã zelosa e empregada/agregada da casa, se distanciam quando uma deseja a harmonia familiar, a outra, sucesso nos negócios e por último a que sonha em ser livre, mas não consegue cortar laços com a família. As mulheres são recorrentes nesta e nas demais obras do autor, são figuras marcantes e que dão movimento ao enredo.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção tópicos)
- BASTOS, Hermenegildo José. **Literatura e Colonialismo: Rotas de navegação e comércio no fantástico de Murilo Rubião**. Brasília: ed. Universidade de Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras- UnB, 2001.
- BATISTA, Djalma. **Amazônia – cultura e sociedade**. 3. ed. Manaus: Valer, 2006.
- _____. **O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzatto, 2005.
- _____. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BIRMAN, Daniela. "Irmãos inimigos: duplos em Machado e Hatoum", in I Seminário Machado de Assis, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Irm%C3%A3os%20inimigos-%20duplos%20em%20Machado%20e%20Hatoum.pdf. Acesso em: 02 maio 2016.
- _____. **Entre-narrar: Relatos da fronteira em Milton Hatoum**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponímia**. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- CHIAPPINI, Ligia e Stella Brescianni (Org.). **Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CHIARELLI, Stefhanía. **Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum**. São Paulo: Annablume. 2007.
- CUNHA, Euclides Da. **Um paraíso perdido; ensaios e estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia**, 2ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1994.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção: Perspectivas do homem. Vol. 42.1968.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURI, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: Espaços Ficcionalis**. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. In: **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema** (org.) Manoel Barros da Motta: tradução Inês Autran Dourado Barbosa- RJ: Forense Universitário, 2001. FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala: a formação da família patriarcal brasileira**. São Paulo: Editora Global, 2004.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. _____. **Ciências Humanas e Filosofia: O que é filosofia?** 7. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1972.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HATOUM, Milton (2013). Em entrevista a <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/milton-hatoum> em 6/5/2009 (Acessada em 23/04/2016.)

_____. **“Um escritor exigente para leitores exigentes.”** In: revista Caros Amigos, ano XIII, n. 156, São Paulo, 2010.

_____. **A Cidade Ilhada**. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2009. _____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2ª edição, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1997.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo, Scipione. 1995. (Coleção Margens do texto).

LIMA, Wendel dos Santos; TAVARES, Carla Roseane da Silva. **A representação literária da mulher, o caso de O Continente de Erico Veríssimo**. 2011. Disponível em <http://www.unicruz.edu.br>. Acessado em junho/2015.

LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS, Monica Maria dos. **Alteridade e feminino no romance Dois Irmãos de Milton Hatoun**. 2013. Disponível em: <http://www.revistafiar.com.br/>. Acessado em junho/2015.

SILVA, Joanna da. **Relações de gênero no romance de Milton Hatoun**. 2011. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br>. Acessado em agosto de 2015.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira**. 2005. Disponível em <http://http://www.bib.unesc.net>. Acessado em junho/2015.

TAVARES, C. R. da S. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: UFRGS, 2007.

VIEIRA, Elisa Amorim. **“Imagens e formação de arquivos mentais”**. In: RAVETTI, Graciela e FANTINI, Marli (Orgs.). Olhares críticos: estudos de literatura e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. **Jorge Amado e o mundo árabe**. In: DANTAS, Elisalva Madruga (Org.). Literatura e Cultura: ensaios. João Pessoa: Ideia, 2011. (p. 237-261).

ELLS, Sara. **O improvável sucessor de Raduan Nassar: a genealogia alternativa de Milton Hatoum**. In: **Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Relato de um Certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum** (Org.) Maria da Luz Pinheiro de Cristo. Manaus: Valer / Oficina das Artes, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.